

VARANDAS NAS MORADIAS BRASILEIRAS: do período de colonização a meados do século XX

BRANDÃO, Helena Câmara Lacé (1); MARTINS, Angela Maria Moreira (2)

(1) Arquiteta e Urbanista, Mestre e Doutoranda em Ciências em Arquitetura pelo PROARQ / FAU / UFRJ, professora substituta do Departamento de História e Teoria da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ no período de março de 2005 a dezembro de 2006.

(e-mail: professora@helenalace.arq.br)

(2) Arquiteta e Urbanista, Doutora em Planejamento Urbano pela Université de Paris X, com Pós-Doutorado em Turismo e Desenvolvimento pela Université de Paris I, professora e pesquisadora do curso de Mestrado e Doutorado do PROARQ /FAU / UFRJ.

(e-mail: palas@netfly.com.br)

RESUMO

Esse trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla sobre o valor da varanda em habitações multifamiliares contemporâneas brasileiras. Pesquisa esta que tem como objetivo investigar o significado que esse espaço arquitetônico tem na casa, contribuindo para o estudo da evolução do conceito de moradia no Brasil e, conseqüentemente, para a compreensão da sociedade brasileira. Com esse propósito e com a intenção de iniciar a discussão acima relatada, o presente artigo levanta o emprego da varanda nas casas brasileiras e apresenta o histórico desse elemento arquitetônico, desde o período de colonização do território até a modernidade vigente em início e meados do século XX, dando ênfase a constante presença da varanda e as funções que ela possui de acordo com cada época. Através disso, o texto identifica o que esse estudo entende por varanda, visto que essa terminologia é aplicada a espaços arquitetônicos de morfologias distintas, onde o mesmo termo é constantemente utilizado como sinônimo de alpendre e de balcão, entre muitos outros. Diferenças essas que dão mais de uma conotação para a mesma palavra e que muitas vezes são resultados da função desse elemento nos diversos períodos da história, de acordo com o contexto de cada momento.

ABSTRACT

This work is a part of a research more ample about the porch's valor in Brazilian contemporary habitation for more than one family. Research this that has as objective investigate the meaning that this architectural space has in the house, contributing to the study of the house concept evolution in Brazil and, so that, to the Brazilian society comprehension. With this purpose, and with the intention of initiate the discussion above related, the present paper raises the use of the porch in the Brazilian house and shows the historic of this architectural element, since the colonization period of the territory until the modernity in existence in the beginning and middle of the twenty century, giving emphasis to the constant presence of the porch and the functions that it has according to each epoch. Through this, the text identifies what this study understands to porch, seeing that this terminology is applied to architectural space of different shapes, where the same term is usually utilized as synonymy of veranda and balcony, among many others. Differences theses that give more than one connotation to the same word and that many times are results of the function of this element in the different periods of the history, according as the context of each moment.

PALAVRAS-CHAVE: varanda, moradia brasileira, história, arquitetura.

INTRODUÇÃO

A investigação sobre o emprego da varanda nas moradias brasileiras desde o período colonial até meados do século XX é desenvolvida por esse artigo através de uma abordagem histórica que, além de averiguar sua constante presença nas habitações do brasileiro, visa identificar as funções que este ambiente comporta no espaço da casa ao longo do tempo.

Contudo, antes de procurar na história se a varanda é ou não uma característica permanente da arquitetura doméstica do Brasil, é interessante observar a unidade tipológica da arquitetura doméstica brasileira, o que possibilita a pesquisa através de alguns exemplares arquitetônicos.

Na opinião de autores consagrados, constata-se que as moradias brasileiras apresentam poucas variações tipológicas, desde as primeiras construções erguidas no período colonial, que vai do descobrimento no século XVI até início do século XIX. Realidade esta interpretada como uma mesmice a partir do relato de Vauthier¹ de “quem viu uma casa brasileira, viu quase todas” (1943, p.143).

Mesmo sendo apenas parte do território brasileiro a amostra desse engenheiro e arquiteto francês para sustentar o argumento de que as casas no Brasil são todas iguais, mais precisamente, o trecho que vai do Cabo de São Roque, no litoral norte do Rio Grande do Norte, até o Rio de Janeiro, por considerar este “o verdadeiro Brasil moderno, o que tem leis e costumes, o que marcha ativamente na senda da civilização” (1943, p.129), a unidade da arquitetura doméstica brasileira é consenso entre diversos pesquisadores.

Na leitura de outros autores como José Wasth Rodrigues², Nestor Goulart³ e Carlos Lemos⁴, entre outros, encontra-se, novamente, observações sobre essa unidade das casas brasileiras que permanecem na época do império e da república, podendo ser constatada mesmo no início da verticalização da arquitetura no começo do século XX.

Interessante (o estudo das casas antigas no Brasil) pelas características permanentes dessa casa, principalmente pela unidade do seu aspecto em todo o território e pela imutabilidade, através do tempo, dos princípios que prescindiram à sua construção, fenômeno esse comparável pela semelhança (tendo em vista a extensão territorial) ao da língua e ao da religião. [...] manteve, a casa, o seu caráter, a sua fisionomia, enquanto não perturbados pela ocorrência de elementos estranhos em certas regiões e a partir de certas épocas; incidente natural e inevitável (RODRIGUES, 1945, p.159).

A unidade da arquitetura doméstica brasileira, no meio urbano, é explicada por Nestor Goulart (1987) a partir dos lotes que eram, na sua grande maioria, todos iguais, com características limitadoras específicas, como suas dimensões, inalteradas até meados do século XIX. Terrenos iguais, onde são construídas casas todas iguais que mais tarde cederão lugar para edifícios de apartamentos, também, sem muitas diferenças entre si. Para Nestor “um traço característico da arquitetura urbana é a relação que a prende ao tipo de lote em que está implantada” (1987, p.16).

Outra explicação também dada pelo autor e que é compartilhada por outros estudiosos para a invariável tipológica da moradia brasileira são os regulamentos edilícios que começaram a vigorar no século XVIII, restringindo a liberdade de composição aos construtores da época.

¹ Vauthier, Louis Léger – engenheiro e arquiteto francês, formado pela Escola Politécnica de Paris, que viveu no Brasil na cidade de Recife, Pernambuco, entre 1840 e 1846. Vauthier registrou sua experiência no Brasil em um diário, publicado pelo SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (atualmente IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) em 1940, o qual nunca foi publicado na França. Na sua língua natal, Vauthier teve publicado quatro cartas remetidas a pedidos para o arquiteto Cesar Daly, diretor da *Revue Générale de L'architecture et des Travaux Publics*, revista técnica de público reduzido, as quais eram intituladas *Casas de Residência no Brasil*. Tais cartas, quase tão inéditas quanto seu diário, foram traduzidas por Vera de Melo Franco de Andrade e publicadas pelo SPHAN em 1943, com introdução e notas de Gilberto Freyre.

² Rodrigues, J. W. – artista nascido na cidade São Paulo em 1891 e falecido em 1957. Além de pintor, Rodrigues também se dedicou a estudos históricos, principalmente no campo da arquitetura, onde registrou, com seus desenhos e textos, a memória arquitetônica de várias cidades brasileiras. Simpatizante do movimento neocolonial, Rodrigues também foi conselheiro do SPHAN.

³ Reis Filho, Nestor Goulart – formado em ciências sociais e em arquitetura e urbanismo pela USP, é professor titular (livre-docência) do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

⁴ Lemos, Carlos Alberto Cerqueira – formado em arquitetura pela Universidade Mackenzie, é professor titular (livre docência) aposentado do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

No meio rural, a constância encontrada na tipologia das moradias é explicada pela repetição de soluções encontradas para a adaptação dos portugueses no território brasileiro. Partidos convenientes para o clima tropical e para a defesa das habitações, uma isolada das outras, que eram aplicados com pouca variação. As casas portuguesas, por sinal, não eram, também, muito diferentes entre si, o que leva ao raciocínio de que a falta de variedade tipológica já vinha de Portugal, não sendo, propriamente uma realidade só do Brasil.

Independente do motivo, o que importa aqui para esse estudo é verificar que se há uma unidade na linguagem formal das arquiteturas residenciais de cada época, isso acontece porque há uma persistência no emprego dos elementos compositivos que formam tal linguagem, como, no caso, a varanda. Indicativo de ser este um espaço importante e repleto de significados para as moradias brasileiras.

VARANDAS E AS DIVERSAS TERMINOLOGIAS DE UM MESMO AMBIENTE

A varanda está presente na bibliografia pesquisada como, também, nos exemplos iconográficos disponíveis, onde sua ausência é marcada mais pela diferença de terminologia empregada do que, propriamente, pela inexistência desse espaço na casa. Encontra-se, frequentemente, como sinônimo de varanda os termos alpendre, latada, sacada, balcão, galeria, corredor e até sala de jantar.

Luis Saia⁵ (1939) faz referência à varanda a partir de dois termos: latada e alpendre. O primeiro termo diz respeito a uma peça formada por quatro esteios⁶ e uma cobertura de galhos e folhas encostada na edificação, mas sem participar da estrutura da mesma (fig.1). O segundo, alpendre, se difere do primeiro por ser resultado do prolongamento do telhado, sendo, então, sua cobertura de uma só água ou de tacaniça⁷ (fig.2). A sustentação do alpendre também é feita por esteios, podendo ser, no entanto, por alvenaria, porém seu piso é diferente da latada, sendo o mesmo sobre o qual se assenta a edificação. Para Saia, o alpendre é sempre um elemento que se situa na frente da casa, podendo anteceder a construção ou estar embutido no corpo da fachada (fig.5).



Fig.1: esquema da casa nordestina com presença de latada e alpendre

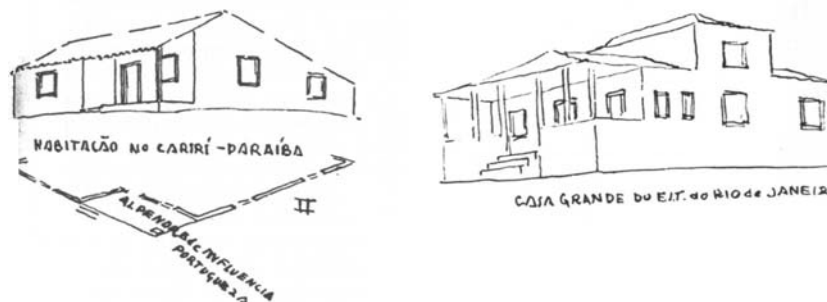


Fig.2: esquema da casa nordestina com presença de alpendre de uma só água (a esquerda) e de tacaniça (a direita)

⁵ Saia, Luis - diretor do escritório de São Paulo do SPHAN de 1937 até sua morte, em 1975, foi um importante pesquisador da habitação paulista e teve seus escritos reunidos, em 1972, no livro *Morada Paulista*.

⁶ Peça vertical de madeira, pedra ou ferro que serve como sustentação.

⁷ Água do telhado de superfície triangular entre os espigões do madeiramento.

Os termos sacada e balcão (fig.3) começam a aparecer somente a partir do final do século XVII, quando surgem os primeiros núcleos urbanos. Característicos das casas urbanas assobradadas do século XVIII e XIX, os dois termos são frequentemente usados por Debret⁸ e Vauthier, duas personalidades francesas oitocentistas e que viveram no Brasil em regiões e em épocas distintas, mas que deixaram em texto ou em ilustrações o registro daquele período.



Fig.3: esquemas de sacadas das casas assobradadas

Vauthier também utiliza o termo galeria, mais precisamente quando se refere a espaços avarandados fechados por muxarabiê ou gelosia que lembravam as galerias mourescas (fig.4). Ele, assim como Debret, não deixava de empregar o termo varanda para designar tais ambientes.

Contudo, a palavra varanda é mais corrente nos textos de Gilberto Freyre⁹, Paulo Santos¹⁰, J. W. Rodrigues e Nestour Goulart, que a utilizam, indiscriminadamente, para designar o alpendre, sendo este elevado ou não, na frente da construção, como acesso à casa, ou nas suas laterais e fundos.



Fig.4: exemplos de fechamentos em muxarabiê e galerias mourescas

Normalmente utilizadas como sinônimo, essas duas palavras, alpendre e varanda, na opinião de Lemos (1996) expressam funções distintas. Para Lemos o alpendre é um “telhado que se prolonga para fora da parede mestra da casa e que é apoiado em suas extremidade por colunas, tendo uma função precípua fazer sombra à construção, evitando que se acumule na alvenaria o calor do sol, refrescando, assim, os interiores” (p.27 e 28). Já a varanda é “um refrescante local de lazer, de estar da família, seja alpendrada ou não” (p.30).

Desta forma, Lemos contraria a opinião de Luis Saia, afirmando que o alpendre verdadeiro não necessariamente, precisa estar na frente da edificação e sim estar vinculado a proteção climática da arquitetura, considerando a orientação do sol. “Um alpendre pode vir a ser uma varanda (visto que este pode ser um espaço aprazível e de convívio da família), mas nem toda a varanda é alpendrada” (1996, p.30), isto é, oferece uma adequação da construção ao clima da região.

⁸ Debret, Jean Baptiste (1768 -1848) - pintor e desenhista francês, membro da Missão Francesa que chegou ao Brasil em 1816. Viveu no Rio de Janeiro, regressando à França em 1831, onde publicou, em Paris, *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, uma série de gravuras sobre aspectos, paisagens e costumes do país.

⁹ Freyre, Gilberto (1900-1987) - escritor e sociólogo que muito contribuiu com suas obras para a história da formação da sociedade brasileira. Autor de *Casa Grande & Senzala* e de *Sobrados e Mocambos*, entre outros, recebeu homenagens de universidades da Europa e dos EUA.

¹⁰ Santos, Paulo - Engenheiro-arquiteto formado na Escola Nacional de Belas Artes em 1926, foi um dos principais estudiosos da arquitetura luso-brasileira. Escreveu cerca de 20 livros, além de artigos especializados e como membro efetivo do Conselho Consultivo do IPHAN de 1955 a 1980, foi relator de 28 processos de tombamento de bens imóveis e de conjuntos arquitetônicos de cidades como Olinda (PE) e Serro (MG).

Mesmo quando alpendrada, isto é, formada pelo prolongamento do telhado, a varanda não é um alpendre, pois assim só seria se sua orientação levasse em consideração a irradiação solar.

Além disso, há o caso da varanda que Lemos chama de entalada (fig.5) que nada mais é do que a varanda embutida no corpo da fachada, muito comum nas residências paulistas na época dos bandeirantes e que era chamada de corredor. Eis aqui outro termo também utilizado para designar varanda, corredor, por esta, muitas vezes, desempenhar uma função distribuidora.



Fig.5: esquete da casa paulista com presença de varanda entalada

Na opinião de Lemos, a varanda entalada nada mais é do que um "cômodo da construção simplesmente desprovido de sua parede externa [...] (que) nada tem a ver com o calor ou com o sol" (1996, p.29), não podendo jamais ser chamada de alpendre, como assim faz Luis Saia (1939), através de seus exemplos iconográficos.

A definição de varanda, dada por Carlos Lemos, chama atenção para outra terminologia que também é empregada como varanda: sala de jantar, lugar de reunião da família. O autor afirma que a sala de jantar é uma evolução da varanda que com o passar do tempo foi se fechando.

A sala de jantar, propriamente dita, ou mais precisamente a copa, corresponde à varanda voltada para os fundos do terreno, elemento de ligação da casa com a cozinha que se situa junto ao quintal (fig.6).

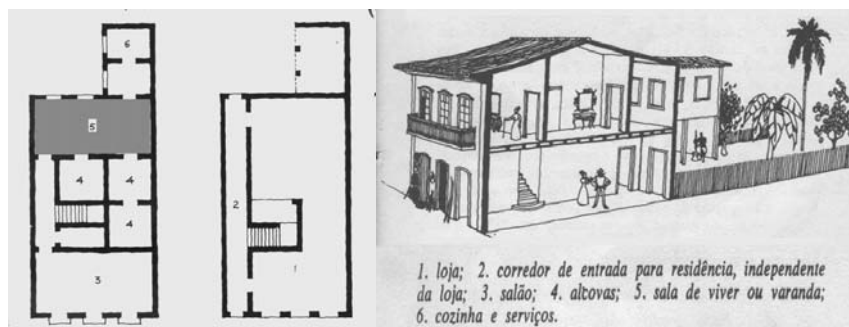


Fig.6: esquete de sobrado colonial com sacada na frente e varanda voltada para fundo do quintal

Como se não fossem suficientes os termos sala de jantar, alpendre, latada, sacada, balcão, galeria e corredor já comentados aqui, ainda se encontram para se referir a varanda, o terraço e o eirado, mesmo que raramente empregados. Talvez por já não pertencerem à fachada da edificação e sim à cobertura da mesma, trazendo características não só morfológicas, mas tipologicamente distintas, que certamente remete a outros usos e apropriações. Razões pelas quais esses dois termos não serão aqui explorados.

Nesse momento, entretanto, não cabe discutir, dentro dos termos apresentados, quais os que são mais propícios à varanda ou não. O que para esse trabalho importa é constatar que a casa brasileira, na sua unidade em todo território nacional, apresenta, também, uma unidade na oferta de um espaço que não é nem interno nem externo à edificação, que não é público nem privado, mais considerado como espaço de transição, de ligação entre a casa e a rua, duas "esferas de ação social que constituem uma oposição básica" (DA MATTA, 1997, p.15). Espaço este que aqui será sempre chamado de varanda.

VARANDAS E SUA ASSIMILAÇÃO PELA CASA BRASILEIRA

Nas leituras de textos sobre a casa brasileira, vários termos são encontrados para se referir a varanda, porém, se há uma pluralidade de terminologias a serem aplicadas há, no caso, um relativo consenso em relação a sua origem, o de que a varanda é um elemento resultante de um processo de aculturação.

A varanda, trazida pelos portugueses, tem origem na cultura moura, já assimilada por Portugal devido ao tempo em que este foi ocupado pelos povos do norte da África, e na cultura asiática que chega ao Brasil através das navegações portuguesas.

Carlos Lemos (1996), mesmo fazendo distinção entre os dois termos, fala que tanto os alpendres como as varandas têm origem no oriente. O alpendre era uma peça do bangalô, casa rural da Índia que tinha como propriedade oferecer proteção climática. O termo varanda aparece em registros de Vasco da gama como sendo uma palavra oriental para designar um local de permanência aprazível.

A influência moura, a que todos os autores fazem menção, diz respeito mais ao fechamento em gelosia e muxarabiê (fig. 7) que remetem as galerias mourescas citadas por Vauthier, como já comentado neste trabalho, e que já tinham sido incorporadas na arquitetura portuguesa.

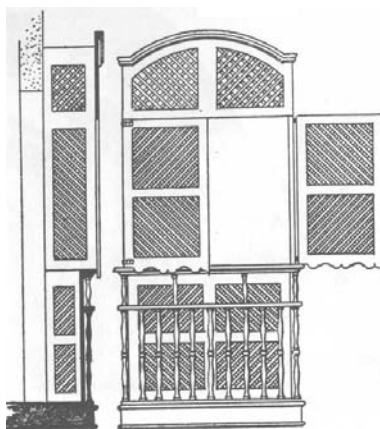


Fig.7: exemplos de sacada fechada com muxarabiê

Debret (1940) fala da influência moura na arquitetura portuguesa não só pelo domínio desse povo na região Ibérica que ali se mantiveram durante cerca de 700 anos, mas, também, pelo aproveitamento da mão de obra moura que lá permaneceu depois da expulsão e que fora aproveitada na construção. Debret diz que “as mesmas mãos que construíram as mesquitas, construíram as igrejas” (p.259).

O autor que bem demonstra a relação das galerias mourescas com as varandas no Brasil, não chega, em seus registros, a mencionar a origem asiática. Pelo contrário, lança a varanda numa outra relação. Quando fala das varandas nas casas de chácaras brasileiras, comenta que “é notável sua analogia com os mouros na África e muito mais ainda com as casas antigas de Pompéia (e a defini como) galeria, entrada da casa – *protyrum* dos antigos, o que significa: na frente das portas” (1940, p.260).

Essa referência de Debret à arquitetura de Pompéia é singular e deve-se, acima de qualquer outro argumento, às escavações que datam de 1748 que trouxeram das cinzas essa antiga cidade Romana e que, junto com outras descobertas, como comenta Paulo Santos (1981), revivem a Antiguidade, impulsionando o movimento neoclássico, do qual fazia parte o francês Debret.

Mesmo sem gozar da opinião dos outros autores, Debret levanta com essa analogia à arquitetura italiana, especificamente a de Pompéia, situada perto do Mediterrâneo e de clima subtropical, uma questão que é unânime entre os demais críticos, a de que a varanda é resultado de uma adequação climática da arquitetura portuguesa construída no Brasil. Produção que respeitou “judiciosamente, as exigências do clima e dos materiais existentes no país” (1940, p.259).

Os estudiosos de arquitetura sempre encontram nas regiões meridionais [...] o uso de um abrigo colocado do lado externo das habitações: a galeria mouresca, a *loggia* italiana e a varanda brasileira aqui representada. É muito natural que com uma temperatura que atinge às vezes 45° de calor, sob um sol insuportável durante seis a oito meses no ano, o brasileiro tenha adotado a varanda nas suas construções; por isso encontra-se, embora muito simplesmente construída, até nas habitações mais pobres (DEBRET, 1940, p.141 e 142).

Essa adaptação ao meio destacada por Debret também é abordada por Gilberto Freyre (1943) quando comenta a semelhança encontrada nos registros feitos por Debret e Vauthier, apesar das diferenças de época e de região existentes nos dois relatos, visto ter Debret habitado no sudeste brasileiro no início do século XIX e Vauthier no nordeste, a partir de meados do mesmo século.

[...] (apesar das diferenças) muito mais fortes se apresentam as semelhanças entre as duas expressões arquitetônicas do mesmo tipo de patriarcado e das mesmas tendências da colonização portuguesa do Brasil no sentido de adaptação do meio americano e tropical de tradições e técnicas portuguesas de casa e de construção. Técnicas e tradições enriquecidas pelo contato lusitano com o mouro e com o extremo oriente. Vê-se, por exemplo, que nas casas de campo desenvolveu-se no sul, como no norte, aquela continuidade de uma varanda (FREYRE, 1943, P.102).

Pela função de adequação climática da casa portuguesa em território tropical, as varandas não são simplesmente elementos de origem moura e asiática trazida por Portugal, mas, também, elementos brasileiros. “Brasileiros por terem sido reinventados aqui entre nós desde os primeiros momentos” (LEMOS, 1996, p.27, grifo da autora) e também por sua ampla disseminação por todo Brasil.

O sincretismo da varanda, desta maneira, se torna ainda maior, pois se soma às influências já mencionadas a dos povos indígenas que no Brasil habitavam. Segundo Lemos (1996), o alpendre é brasileiro, pois, apesar de ter referência com o bangalô indiano, é uma adaptação da casa portuguesa ao clima do Brasil. Já a varanda, elemento que para o autor pode ser alpendrado, mas que não comporta a mesma função do alpendre, é brasileira por entrar na casa a partir da influência da oca dos índios nativos.

Na opinião do autor, a casa brasileira “começa em terras lusitanas” (1996, p.11), mas, apesar de seguirem o padrão português, a semelhança é só externa, pois o funcionamento é diferente, tendo maior relação com as habitações indígenas.

A casa, em região de baixa temperatura, sempre teve ligação com o fogo, pois ambos possuíam a mesma atribuição, a de reunir as pessoas, a família. O fogo que reúne a família nos primórdios da humanidade, onde o abrigo era a caverna, a casa “lugar privilegiado, onde se reuni em volta de um fogo que permite se aquecer e se preparar as refeições (e que) será sempre chamada *foyer*, núcleo da família” (FREY, 2003, p.190, tradução da autora). *Foyer* palavra francesa cuja tradução é lareira ou lugar da lareira, mas que tem a conotação de lar, termo este que em Roma significa a pedra que ascende o lume.

Neste sentido, as residências portuguesas operavam em torno do fogão, palavra esta que, assim como o termo fogo, eram empregadas para exprimir casa em Portugal. Essa organização típica de clima frio não é, contudo, coerente em terras tropicais, onde a necessidade de aquecimento é bem menor.

De acordo com Lemos (1996), a casa portuguesa, quando implantada no Brasil, expulsa para o lado de fora o preparo das refeições, apropriando os costumes indígenas. A cozinha, então, torna-se um apêndice da construção e é ligada a esta por meio de uma varanda. Lugar agradável onde, como comenta o autor, a família se reúne e que mais tarde dará origem a sala de jantar ou a copa, como já comentado anteriormente.

Daí o posicionamento de Lemos de que a varanda brasileira é, também, resultado da influência que exerce o modo de vida indígena nos portugueses recém chegados.

Apesar de a varanda ser apontada, entre os autores aqui apresentados, como um processo de miscigenação que inclui a oca dos índios nativos apenas por Lemos, a opinião que se mostra mais isolada entre os pesquisadores é a de Luis Saia (1939) que atribui a origem dos alpendres à Basílica Cristã-primitiva, devido ao Adro de tais arquiteturas religiosas ser alpendrado (fig.8).

Aí está uma boa razão para se pensar na hipótese de uma tradição que teria vindo para o Brasil já plenamente desenvolvida, e se teria infiltrado, tanto aqui como na península Ibérica, nas zonas rurais. [...] a escolha do exemplo da basílica, serve para indicar um fato que me parece de extrema importância para o estudo do alpendre [...]: o acesso ao templo proibido (SAIA, 1939, p.240).



Fig.8: esquema de basílica com adro alpendrado

Templo este que é tanto o religioso, como o da casa, proibido às pessoas estranhas, sendo a varanda, ou no caso, o alpendre, limite de acesso à casa para o visitante da rua e, para a mulher da casa, limite de exposição para a rua.

No templo religioso, o adro alpendrado era o local dos pecadores, dos que ainda não haviam se convertido para adentrar na presença do Senhor, no templo da casa, a varanda ou o alpendre, era lugar dos estranhos, dos que não tinham intimidade suficiente para participar do convívio da família, principalmente, o da mulher, como sempre chama a atenção Gilberto Freyre.

Paulo Santos (1981) reverencia a opinião de Saia quando faz menção aos estudos do autor no momento em que, a partir dos desenhos de Debret, descreve as cerimônias religiosas realizadas nos oratórios das casas de chácara. Cerimônias estas que eram assistidas pelos escravos do lado de fora, mais precisamente, na varanda.

Contudo, Carlos Lemos (1996), se coloca totalmente contrário a tal associação feita por Saia do alpendre brasileiro com a basílica Cristã-primitiva. Além do fato do adro alpendrado da construção religiosa não está vinculado à proteção climática do edifício, condição *sine qua non* para Lemos na definição de alpendre, as basílicas Cristã-primitivas, para exercerem influência na arquitetura luso-brasileira, deveriam, antes, influenciar as moradias portuguesas. Fato este que, na opinião de Carlos Lemos, não acontece.

A varanda alpendrada não ocorre na arquitetura residencial de Portugal. As casas portuguesas que apresentam o alpendre são posteriores, ou pelo menos contemporâneas, às casas alpendradas do Brasil. O que poderia demonstrar, segundo o autor, ser o alpendre uma influência brasileira na habitação de Portugal e não o contrário.

O que é comum na arquitetura doméstica da região Ibérica, diz Lemos, é o que ele chama de varanda entalada, já descrita aqui neste texto e que não corresponde à associação de Saia. A relação da varanda com o adro alpendrado da basílica pela condição de filtro dos que se aproximam da arquitetura é bem coerente, porém, relacionar sua origem com a construção religiosa cristã-primitiva é algo realmente questionável.

Independente dos caminhos traçados pela varanda para compor a casa brasileira, o que importa é observar que ela é resultado de uma aculturação, um processo de assimilação de usos e costumes e, como tal, se difundiu por todo território nacional e, se Luis Saia e Carlos Lemos discordam em relação a sua origem, numa questão há concordância, a de que "em arquitetura, quando um costume entra em mestiçagem e, se acontece de, ainda que por acaso, estar ligado a determinado detalhe de construção, este o acompanha sempre, levando consigo as soluções técnicas que lhe são próprias" (SAIA, 1993, p.235), isto porque "o ato de morar é uma manifestação de caráter cultural e enquanto as técnicas construtivas e os materiais variam com o progresso, o habitar um espaço, além de manter vínculos com a modernidade, também está relacionado com os usos e costumes tradicionais da sociedade" (LEMOS, 1996, p.8).

AS VARANDAS NAS MORADIAS BRASILEIRAS DO SÉCULO XVI AO SÉCULO XVIII: O PERÍODO COLONIAL

A varanda de origem moura e asiática chega ao Brasil através dos portugueses e logo se difunde por todo território brasileiro. Elemento próprio para adequação climática das construções portuguesas em terras tropicais, a varanda apresenta sintonia com o modo de vida dos nativos, expresso na Oca, habitação dos índios, e que é assimilado pelos primeiros colonizadores por se mostrar mais coerente com a realidade em que eles se encontram.

Empregada como recurso de adaptação ao meio, contudo, a varanda vai adquirindo certos usos e acumulando funções. Além de elemento de proteção climática, como mencionado, a varanda das primeiras casas rurais no período colonial também atuava como espaço de descanso, de convívio, de posto de vigília e de filtro da casa, separando a esfera pública da privada.

Na condição de amenizar o calor, a varanda era o local de descanso, o lugar onde se tinha “por hábito tomar a fresca, pois, no campo principalmente, as peças do andar térreo não passam de grandes alcovas fechadas [...]. É aí que durante o silencioso descanso depois do jantar, abrigado dos raios do sol, o brasileiro se abandona” (DEBRET, 140, p.142) (fig.9).



Fig.9: ilustração de Debret que mostra atividades realizadas na varanda

Por ser um local agradável, sombreado e ventilado, a varanda desempenha a função de convívio e passa a ser o espaço de reunião da família, o lugar das brincadeiras das crianças, do contato com os escravos (FREYRE, 1964) e de se acolher o visitante. Lemos (1996), no seu estudo sobre a casa brasileira fala que a hospitalidade típica do brasileiro nasce com a necessidade de hospedar o viajante, devido a distancia entre uma construção e outra na zona rural do Brasil colonial, o que tornava o pernoite uma prática comum e essencial. Mesmo quando havia o quarto de hóspede, este não se voltava para a privacidade da casa e sim para a varanda.

Contudo, como saber se todo o visitante é de paz. A varanda ganha, então, a atribuição de posto de vigília, com o intuito de resguardar a casa e, conseqüentemente, a família. Isoladas umas das outras, como chama atenção Lemos (1996), as moradias necessitavam de um espaço onde se pudesse observar o viajante que delas se aproximavam. Avistar e receber o desconhecido, estranho senão de todo, pelo menos da intimidade do lar.

Nesse ambiente restrito da família, o visitante era barrado. O acesso desse se limitava à varanda que, desta forma, funcionava como filtro, como local de transição entre o público e o privado. Função essa que pode ser constatada, nas construções onde a capela se ligava a casa pela varanda; espaço de onde se assistia os cultos religiosos quando não se era da família, como comentado anteriormente.

Ambiente importante para o funcionamento da casa dentro do sistema patriarcal (FREYRE, 1964), a varanda acaba se tornando tradição sócio-cultural, elemento praticamente constante na casa luso-brasileira que aparece nas primeiras habitações nas zonas rurais, e que permanece quando surgem os primeiros núcleos urbanos.

Podiam ser as casas rústicas de pau cruzado de barro do início da colonização, casas de taipa de mão ou de taipa de pilão dos primeiros engenhos do ciclo da cana, casas de pedra irregular ligada com argamassa dos arraiais que ganham maior impulso no ciclo da mineração, na região de Minas Gerais. Independente do sistema construtivo e da conjuntura da época, a casa do Brasil colonial até o século XVIII, segundo Rodrigues (1945), sempre apresentam as mesmas características: paredes lisas, vãos bem distribuídos, telhados simples e varanda.

No início, diz o autor, nada se tem de muito representativo, apenas casebres, casas modestas, abrigos dos primeiros desbravadores que exploravam o território recém descoberto, mas que já apresentavam a varanda. Ela aparecia tanto na frente da casa quanto nos fundos, ligando esta com a cozinha, local de preparo dos alimentos que, a exemplo da oca indígena, como já comentado, se fazia fora da casa, em outro recinto.

Só durante a produção agrícola açucareira, no então século XVII, se pode falar dos engenhos, significativamente. Arquiteturas onde, segundo Lemos, “todas possuem, é verdade, uma varanda ou um alpendre” (1996, p.25), comentário que ele completa dizendo que “não só os remanescentes coloniais antigos, como a pequena iconografia disponível mostram, sistematicamente, nossas sedes de fazenda portando a tal varanda” (1996, p. 29).

Até então, as construções eram rurais com a presença de alguns vilarejos que iam se formando em torno daquela economia canavieira. Os primeiros núcleos urbanos, todavia, só se constituem com a descoberta de diamantes e ouro já quase no século XVIII, período de desenvolvimento da construção civil e do surgimento das primeiras legislações edilícias, fixadas nas cartas régias e posturas municipais. Leis que regulavam as dimensões, aberturas e gabaritos em busca de uma padronização que garantisse uma aparência portuguesa.

Padrão esse também mantido, como mencionado anteriormente, pelo tipo de loteamento que predominava em todo o território e que restringia as soluções do partido arquitetônico da casa urbana.

No meio urbano, os terrenos eram, sucessivamente, de frente estreita e de longa profundidade, sendo chamados por Nestor Goulart (1987) de lotes charutos. Conseqüentemente, as construções ali implantadas ficavam impossibilitadas de terem aberturas nas laterais, voltando estas para a frente ou para o fundo dos terrenos. As paredes laterais, cegas, se situavam sobre os limites do terreno, assim como a fachada da frente (fig. 10).

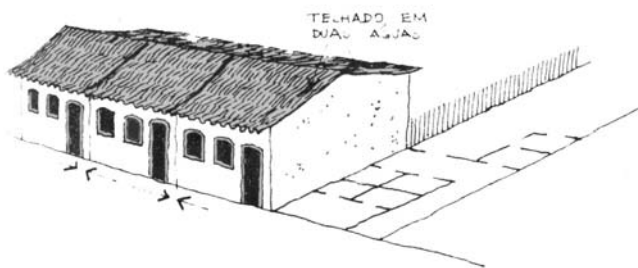


Fig.10: esquema da casa colonial implantada em lote charuto

Tal implantação e configuração da casa urbana vão determinar diferenças significativas no emprego e, conseqüentemente, no uso da varanda no meio rural para o meio urbano.

Nas casas estreitas inseridas nos lotes “charutos”, a varanda na frente da construção se perde. Nos relatos e na iconografia disponível das casas térreas urbanas, as varandas que se mantêm são as do fundo de terreno, aquela que Lemos (1996) diz ser o começo da sala de jantar, retendo a função de adequação climática, de acordo com a orientação solar, e de área de convívio da família.

Diferença essa onde a causa se encontra mais pela limitação do tipo de lote do que por outro motivo. Explicação que pode ser averiguada quando a varanda na frete da construção ressurgiu, ainda no século XVIII, como sacada, balcão ou mesmo como galeria elevada nos sobrados (fig.11); construções com mais de um pavimento que recebem esse nome por corresponder ao aproveitamento da parte que sobra da casa e que pertenciam, normalmente, a classes mais abastadas da sociedade.

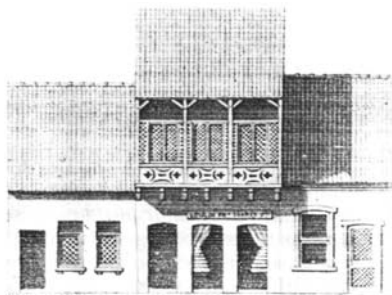


Fig.11: ilustração de Vauthier de um sobrado com galeria fechada entre duas casas térreas

A função filtrante se perde neste tipo de edificação urbana, devido à verticalização da sua posição. A filtragem do acesso à privacidade da casa agora se dá pela sala de estar que mais desempenha papel de sala de receber, receber e barrar o estranho. Questionável também é a possibilidade de proteção climática, no caso das sacadas e dos balcões, em virtude de suas características formais.

No entanto, continua no meio urbano, mesmo com as construções mais próximas umas das outras e, por isso, menos vulneráveis, o sentido de posto de vigília como o de transição, senão física, visual entre o público e o privado, visto ser esse o local que expõe o morador com a rua sem, contudo, o lançar para fora do seu ambiente doméstico.

Rua por assim dizer, pois, como define Nestor Goulart, esta é um “traço de união entre conjuntos de prédios” (1987, p.24) que se colocam sobre o alinhamento das vias públicas. Em termos também é a exposição, na sacada ou nas varandas, da intimidade do habitante da casa, pois fechados eram esses espaços com muxarabiê e gelosia.

Nas casas de estilo antigo, o fechamento exterior das janelas [...] são folhas duplas de rótulas [...]. Essa disposição é encontrada ainda nas janelas dos andares superiores, quando estas não se abrem sobre a sacada ou a varanda antiga (VAUTHIER, 1943, p.170).

Depoimento de Vauthier, demonstrando que no século XVIII, mesmo nas casas urbanas, as varandas eram comuns, fato este que também poder ser constatado com as palavras de Rodrigues.

Por toda parte, em casas térreas rurais, engenhos ou fazendas, observa-se ampla varanda na frente, com colunas ou pilastras de alvenaria ou esteios de madeira, toda aberta, ou tendo no eixo a escadaria, e de um lado a capela ou um cômodo a fechá-la. Nas assobradadas: alpendre na frente, sobre pilastras com grades de madeira recortada. Casas urbanas com amplas varandas no primeiro andar e em toda a extensão da fachada, com peitoril de alvenaria ou de tábuas, ou de torneados, não são raras (RODRIGUES, 1945, p.173).

Realmente, no período colonial, o espaço da varanda existente nas casas rurais não deixa de ser visto nas construções domésticas do meio urbano. Ela muda sua morfologia, mudanças que, de algum modo, afetam seu uso, mas, mesmo assim, se faz presente.

AS VARANDAS NAS MORADIAS BRASILEIRAS DO SÉCULO XIX: OS PRIMEIROS SINAIS DA MODERNIDADE

No final do século XVIII e início do século XIX, a arquitetura doméstica brasileira, principalmente a do meio urbano, sofrerá profundas modificações com a transferência da família real para o Brasil e a elevação da então colônia à categoria de Reino Unido a Portugal e Algarves.

Transformações que se tornam ainda mais relevantes com a chegada na cidade do Rio de Janeiro, da Missão Artística Francesa em 1816, fato que afetará o campo da arquitetura e até mesmo do urbanismo. Como destaca Gilberto Freyre, uma “espécie de revolução francesa: a do sistema e dos métodos de construção, a dos estilos e gostos de habitação e dos próprios hábitos brasileiros de vida doméstica” (1943, p.110) que propaga os primeiros sinais da modernidade.

O espaço da varanda é logo impactado por essa realidade “moderna” que, no campo da arquitetura é, para Lemos (1996), construir segundo o critério da corte. Critério este que primeiro afeta as casas urbanas, mas que depois se difunde por todo o território brasileiro, influenciando, também, a moradia rural.

Um ano após a família real aportar no Brasil, exatamente em 1809, os muxarabiês, as gelosias e treliças que vestiam as varandas e sacadas “que, para a sensibilidade dos dias presentes, são bonitas, tiveram que ser retiradas dos sobrados” (SANTOS, 1981, p.32) por determinação de D. João VI ao desembargador Paulo Fernandes Vianna, então intendente geral da polícia¹¹, “que ficou encarregado de limpar a cidade, eliminando, principalmente, aqueles citados guarnecimentos mouriscos” (LEMOS, 1996, p.46).

Fechamentos de influencia moura que envergonhavam a coroa portuguesa, mas que refletiam os hábitos dos brasileiros e que, por isso, resistiram por mais algum tempo, mesmo com a ordem do príncipe regente, sendo “preciso um acesso de cólera imperial para ativar o desaparecimento das rótulas [...] e em breve um decreto da Câmara Municipal deu a esse desejo força de lei” (VAUTHIER, 1943, p.174).

Vauthier fala que depois da atitude que D. Pedro I tomou a esse respeito, “as varandas não conservaram mais senão um painel inteiriço à altura do parapeito e, às vezes, os marcos e as peças transversais que emolduravam os caixilhos gradeados” (1943, p.174).

Os relatos desse engenheiro e arquiteto francês para quem Gilberto Freyre dá “direito a lugar seguro na bibliografia não apenas técnica, porém crítica e mesmo sociológica [...] sobre a arte de construção” (1943, p.100), reforçam a opinião de Lemos que, dentro da unidade da casa portuguesa, há, a partir do século XIX, duas modalidades. Uma que representa as construções já existentes, que ele chama de tradicional, e outra correspondendo ao padrão da corte que vai em direção do estilo neoclássico, com a vinda da Missão francesa.

Edificações “modernas” que além de civilizarem as cidades com a retirada das influências mouras, também desfrutam de novos materiais oriundos ou proliferados pela revolução industrial condizente com o modo de vida do oitocentos. O vidro plano e transparente, que se torna mais acessível com a industrialização, substitui os escuros, janelas de tábua de madeira que vedavam as fachadas tanto nas casas urbanas como nas moradias rurais.

As casas começam a ser invadidas pela luz do sol que, a princípio, atravessa as paredes com o uso do vidro nas aberturas laterais e que mais tarde, no meio urbano, vai penetrar pelas coberturas com o emprego dos lanternins e das clarabóias. Solução de iluminação e ventilação zenital nas construções urbanas mal arejadas e iluminadas dos lotes “charutos”. A alcova característica da moradia do brasileiro estava com seus dias contados (fig.12).

¹¹ Nesta época, sobre as construções, tinham jurisdição as casas de obra junto com a polícia.

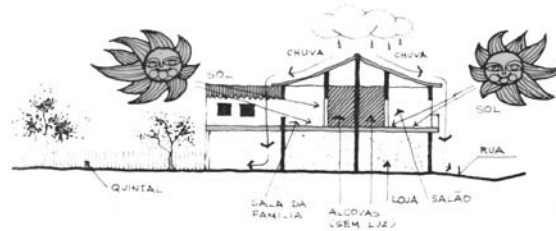


Fig.12: corte esquemático de um sobrado colonial, retratando as alcovas no centro da habitação

Essas modificações que alteram a linguagem da arquitetura doméstica brasileira, tanto nos centros urbanos como na zona rural, eram higienizadoras. Rybczynski (1996) diz ser durante o século XVIII que o conforto passa a ser visto como uma ciência e que a Europa se preocupa em iluminar e, principalmente, ventilar seus ambientes empreguinados das cinzas das lareiras.

Contudo, as alterações formais também indicavam uma outra mudança no modo de vida dos brasileiros. “A janela, na arquitetura é [...] o olho pelo qual o edifício-gente olha e espia para fora” (JORGE, 1995, p.9), janela no sentido de abertura, podendo ser, no caso, a varanda.

A chegada da corte no Brasil marca o início de um novo hábito na vida doméstica, o de receber. Agora não apenas o viajante que pernoita na varanda, mas o vizinho que, mesmo de maneira restrita, entra na casa e se senta na sala.

A ausência dos muxarabiês indica pessoas que querem ver e serem vistas, apontando uma nova atitude, principalmente em relação à mulher.

Foi na chácara, através do palanque e do caramanchão ou do recanto de muro debruçada para a estrada, e foi no sobrado, através da varanda, do postigo, da janela dando para a rua, que se realizou mais depressa a desorientação da vida da mulher [...]. A varanda e o caramanchão marcam uma das vitórias da mulher sobre o ciúme sexual do homem e uma das transigências do sistema patriarcal com a cidade antipatriarcal (FREYRE, 1968, p.154).

Diferente das construções rurais, as casas urbanas se aproximam umas das outras e “todas das igrejas, dos teatros e da rua” (FREYRE, 1968, p.154) que agora começa a ser calçada, aparecendo os primeiros passeios junto aos edifícios.

Ainda nos lotes “charutos”, um novo tipo de residência urbana é implantado, apresentando composição simétrica das aberturas da fachada, um porão alto, por vezes habitável, e sacadas (VAUTHIER, 1943) de pouco largura, com peitoril de ferro, compostas com platibanda de 15 a 20 cm de espessura, encaixadas na alvenaria e sustentadas pela pedra. Sacadas estas a que Vauthier remete a responsabilidade, assim como Freyre, da exposição feminina.

As sacadas das fachadas constituem indícios mais fortes ainda da invasão do espírito moderno. [...] uma invenção [...] que estimula a vaidade feminina a expor aos olhos dos transeuntes. No tempo do velho rei¹² [...] as fachadas, em vez de sacadas, traziam varandas [...] eram como rostos mascarados, por entre os quais os transeuntes circulavam (VAUTHIER, 1943, p. 173).

A varanda, na primeira metade do século XIX, acumula, assim, as mesmas funções da varanda no período colonial, com uma sutil, porém importante diferença, promovida pelas mudanças no modo de vida da população. Sem os fechamentos mouros, a varanda, sacada ou balcão não são somente postos de vigília, mas também postos de exposição.

Entretanto, é a partir de meados do século XIX que vão ocorrer mudanças mais intensas. O Brasil, nesta época já se encontra no seu segundo reinado. A abolição e o início da imigração afetam diretamente o funcionamento da casa, dependente desde sempre da mão de obra escrava.

¹² No tempo do velho rei - expressão usada no Brasil do século XIX que, como coloca o autor, corresponde em francês a *bon vieux temps* (bons velhos tempos).

A industrialização, que já oferecia novos materiais, oferta também o aprimoramento das técnicas construtivas. As casas, servidas de água e esgoto, libertam seus tigres¹³. Agora existem os banheiros, ou melhor, as salas de banho.

Nessa habitação moderna para a época, as águas pluviais não precisam ser despejadas na via pública, elas podem ser recolhidas por calhas que se escondem atrás das platibandas. Novo regulamento que marca uma outra época para a cidade.

As construções cada vez mais utilizam materiais industrializados e importados, encomendados por catálogos. As varandas, todavia, continuam presentes, sendo nas casa rurais, nas chácaras ou nos sobrados urbanos.

Na zona rural, a arquitetura do café apresenta diferenças em relação à casa grande dos engenhos de açúcar. No pavimento superior, o alpendre elevado às vezes, segundo Saia, não oferece “acesso pelo lado de fora, ligado apenas a peças internas da residência: quartos, salas, etc.” (1939, p.245).

Registro esse que mostra que há no campo exemplos onde a varanda se verticaliza, perdendo, assim como na cidade, sua condição de filtro e permitindo a recepção do visitante no ambiente criado para isso, a sala de visita.

As casas de chácara que Paulo Santos descreve como sendo “casas avarandadas (que) teriam, provavelmente, decorrido das casas de engenho” (1981, p.37) eram cada vez mais comuns, servindo com uma alternativa para as classes mais abastadas entre a vida rural e a vida, sempre tumultuada, das cidades. Debret, nas primeiras décadas do século XIX, já havia mencionado em seus registros a “pequena chácara. [...] habitações rurais que são, em geral, simplesmente térreas e que tem comumente [...] varandas” (1940, p. 260), ambiente que Santos (1981) afirma ser a parte mais característica dessas habitações (fig. 13).



Fig.13: ilustração de Debret da casa de chácara, intitulada: casa de campo

Nas áreas urbanas, as sacadas continuam presentes nos sobrados que, apesar da platibanda que esconde o telhado e do interior iluminado, continua com a mesma distribuição interna, a qual inclui a varanda voltada para o quintal.

Surge, entretanto, nas cidades, uma nova implantação que exige a modificação dos códigos municipais que, segundo Nestor Goulart (1987), ainda vigoravam dentro do urbanismo colonial. Implantação esta que é possibilitada por novos tipos de loteamentos e que vai acarretar uma nova tipologia de varanda.

Situadas em terrenos de dimensões mais proporcionais que apresentavam uma frente bem maior, as construções vão possuir afastamento lateral, normalmente só de um dos lados, onde havia com vasta freqüência, um jardim particular; demonstração da importância cada vez maior dada ao arejamento e à iluminação (fig. 14).

¹³ Tigres – Barris onde, antigamente, se transportavam, para despejo, as fezes humanas, podendo também significar os escravos que faziam esse transporte.



Fig.14: residência em Taubaté, São Paulo, exemplo da nova implantação com jardins e entrada laterais

A varanda alpendrada que havia desaparecido das casas urbanas assobradadas, implantadas nos lotes “charutos”, reaparece nessa nova tipologia de casa. “Nas fachadas desaparecem os balcões; as salas abriam-se por meio de janelas, com peitoris de alvenaria mais estreitos que a parede” (REIS FILHO, 1987, p.162). Nas laterais, contudo, ligando o jardim ao nível da residência elevada pela existência do porão, as varandas retornam, de novo, alpendradas.

Já sentido os reflexos da industrialização e dos avanços tecnológicos da época, esse alpendre ressurgiu dentro da linguagem da arquitetura do ferro e do vidro. O alpendre lateral das casas urbanas brasileiras da segunda metade do século XIX é composto, frequentemente, por cobertura de vidro e por esteios de ferros que, na opinião de Nestor Goulart, representam “os conjuntos metálicos de maior importância, nas moradias, [...] importância funcional, plástica e construtiva que [...] pode ser comprovada por sua variedade e frequência” (1987, p.166).

Os novos materiais empregados na construção da varanda não implicam, neste caso, na mudança ou na permanência das suas funções na moradia brasileira, mas sua disposição sim. A volta do alpendre e o surgimento no jardim, ambos na lateral da casa, indicam novos hábitos de morar. Nos momentos de descanso e de contemplação ao jardim, o morador está totalmente exposto, embora que devidamente protegido pelos limites de sua propriedade.

O lugar dessa exposição eram as varandas onde, segundo Nestor Goulart, “desenvolvia-se [...] uma boa parte da vida das residências no Brasil. [...] Eram locais de conversa, de reuniões da família, das horas de lazer, [...] das cadeiras de balanço” (1987, p.166).

Junto com esse alpendre, retornam, também, as funções que varanda desempenhava na casa rural, mas que não tinham sido comportadas pelas sacadas dos sobrados urbanos. Na condição de acesso à moradia, ela volta a ter papel de filtro, a função de barrar e selecionar quem entra na casa, mesmo que tal acesso seja bem menos restrito do que no tempo da colônia.

Pelas suas características formais, esta varanda, diferente da sacada e do balcão, também pode oferecer proteção climática à construção. Um local sombreado que permite o convívio das pessoas, a recepção dos visitantes. A reunião da família agora é a feita tanto pela varanda junto ao quintal da residência, espaço que liga a casa à cozinha, como pela varanda na lateral da casa, junto ao jardim, que permite o morador contemplar e ser contemplado.

Aliás, esta é uma das funções da varanda que nunca se perdeu. Pelo contrário, ao longo do tempo foi se aprimorando, permitindo cada vez maior contato do morador com quem passa na rua.

Contudo, há uma função que, senão é nova, pelo menos aparece renovada pelos ares de uma sociedade industrial. A função de corredor, distribuindo os setores da residência que aparecem cada vez mais organizados e separados por atividades distintas. A industrialização não traz somente novos materiais e tecnologias como as estruturas em ferro, mas também a racionalização na disposição dos ambientes da casa que influencia o modo de habitar.

Varandas apoiadas em colunas de ferro, com gradis, às quais se chegava por meio de caprichosas escadas com degraus de mármore [...]. Em inúmeros casos, o alpendre de ferro iria funcionar, até certo ponto, como corredor externo. Para ele abriam as portas das salas de visitas e almoço, janelas ou portas de alguns dos quartos e, por vezes, mesmo as portas da cozinha (REIS FILHO, 1987, p.46).

A varanda de ferro na lateral da casa, por tais motivos, indica a repercussão da revolução industrial no modo de vida das pessoas. Reflexos da industrialização e da modernidade que chega junto com a família real no Brasil, mas que é sentida com mais intensidade pelo país a partir da segunda metade do século XIX e que conhecerá seu apogeu durante o século XX.

AS VARANDAS NAS MORADIAS BRASILEIRAS DO SÉCULO XX: O MOVIMENTO MODERNISTA

O século XX nasce com o legado da industrialização e com a responsabilidade de ser cada vez mais moderno. A sociedade moderna que tem seu início lá no século XV, na renascença, vê a ciência a levar a técnica no século XIX e esta ao auge da modernidade que aflora no começo do século XX.

No Brasil, as duas primeiras décadas desse século são marcadas por um período de transição que já pode ser observado desde o final do século XIX.

O trabalho não se dá mais dentro do ambiente doméstico, agora ele está nas fábricas. Mudança imposta pela industrialização que também tem reflexos nas atividades de lazer. O serviço fabril mostra mais necessidade do que a produção artesanal de higiene mental, de descanso do corpo e da mente, de contato com a natureza e de atividades ao ar livre. Os movimentos político-sociais lutam por qualidade de vida com a redução da jornada de trabalho, o que vai gerar tempo livre, “elemento essencial para que se possa falar de lazer” (REQUIXA, 1977, p. 25).

Tempo livre que é aproveitado não apenas nos dias de descanso, mas à noite, no retorno da lida para a casa, agora iluminada pela luz artificial, adiando o recolher nos aposentos. Junta-se, então, a possibilidade com a necessidade de lazer, frente ao agravamento da qualidade de vida pela industrialização e a conseqüente aglomeração cada vez maior dos centros urbanos.

Gilberto Freyre fez, em conferência, o comentário de que “no mundo de hoje, à medida que a máquina substitui o homem, a organização do lazer tornava-se mais importante que a organização do trabalho” (informação verbal, apud REQUIXA, 1977, p.91).

A casa também é marcada por esse contexto industrial. Além dos benefícios já sentidos pela habitação oitocentista, tanto pela higienização promovida por maior iluminação e ventilação dos ambientes, quanto pelos serviços de água e esgoto, a moradia brasileira do início do século XX mostra um funcionamento muito mais racional.

A setorização dos ambientes dentro da tripartição social, íntimo e serviço, ilustra a organização das linhas de produção das fábricas onde a distribuição é feita tanto pelo corredor como pelo surgimento de um novo compartimento, o *hall*.

Novidade programática foi a definição de novos critérios de circulação dentro da casa [...] (que) havia de proporcionar total independência entre as zonas da casa: as áreas de estar, repouso e a do serviço [...]. Essa exigência fez surgir uma nova dependência na casa burguesa, o vestíbulo (ou hall), distribuidor dos passos [...], influenciando o planejamento de grande parte das casas da classe média. Esta, no entanto, como veremos, não chegou a abdicar muitas vezes da velha varanda, passagem forçada a quem quisesse ir à cozinha, ao quintal, ao banheiro e até ao dormitório (LEMOS, 1996, p.52).

A varanda, durante a segunda metade do século XIX, locada nas laterais da casa, além de ligar o nível da casa ao jardim, também serviam de corredor, para onde se abriam alguns cômodos da casa, como já comentado.

Essa tipologia atravessa o século XIX e continua presente no século seguinte, tanto nas casas de estilo eclético, como nas de revivalismo estilístico, de prefixo *neo*, como as neocoloniais, que se opunham ao período de globalização da *belle époque*, buscando, com manifestações tradicionais, dar um sentido de brasilidade à construção.

Localizadas na lateral das construções, quando esta se afasta só de um lado do limite lote, ou rodeando toda edificação, quando esta se situa em centro de terreno, as varandas, como na residência neoclássica, “ostentam guarda corpo de ferro batido e um arremate de madeira, conferindo-lhes uma indiscutível semelhança com os velhos sobrados residências dos tempos de colônia. Esses traços persistiriam mesmo em edificações construídas entre 1920 e 1930” (REIS FILHO, 1987, p.61).

A liberdade da arquitetura do lote já é completa no final do século XIX e início do século XX. Como comenta Nestor Goulart “para uso das classes mais abastadas, nos anos seguintes a 1918, surgiram os ‘bairros-jardim’, sob a influência intelectual de [...] esquemas ingleses da ‘cidade-jardim’” (1987, p.71), proposta urbanística que visava solucionar os problemas oriundos da industrialização. Nestes bairros, a edificação era obrigatoriamente afastada dos lotes.

Outra influência marcante da Inglaterra, nesta época, nas casas do Brasil é a intenção pitoresca, onde “a preocupação de domínio sobre a paisagem era [...] uma constante na arquitetura brasileira de quase todo o período em que influíram os esquemas do ecletismo” (REIS FILHO, 1987, p.176). Domínio este revelado na casa eclética pela existência dos jardins laterais, já conhecidos do período neoclássico, e do jardim de inverno; ambiente fechado com esquadrias de vidro, onde, “nas regiões de clima quente, localizavam-se ali, normalmente, as varandas de uso familiar” (REIS FILHO, 1987, p.76).

Varandas ou alpendres que nas arquiteturas domésticas neocoloniais eram ambientes de destaque da casa por representarem as construções tradicionais do Brasil.

Décadas que se seguem são marcadas, radicalmente, pelo avanço tecnológico. A invenção do concreto armado e do elevador em fins do século XIX vão provocar a verticalização da construção e o novo tipo de habitação: os edifícios de apartamento.

As varandas já tinham sofrido esse processo por ocasião dos sobrados, onde são encontradas as sacadas e até alpendres elevados, e a verticalização que se vê nos prédios residenciais não extingue esse espaço da casa brasileira.

Nestor Goulart fala que “internamente procurava-se por todos os meios, repetir as soluções de plantas e saletas e mesmo amplos alpendres, de modo a oferecer aos habitantes uma reprodução de seus ambientes de origem” (1987, p.79).

Havia, no início, uma resistência muito grande na aceitação dessa moradia vertical que colocava várias famílias umas em cima das outras. Habitações multifamiliares permanentes, até essa época, se restringiam aos cortiços, abrigo das classes menos favorecidas que mais lembravam um Brasil monárquico de 30 e 40 anos atrás do que uma nação moderna e republicana.

Era preciso construir palacetes que mesmo empoleirados, atraíssem os consumidores. Além disso, há os edifícios de apartamento da década de 30 e 40 que eram, muitas vezes, construídos nos antigos lotes “charutos” onde, antes, existia o sobrado ou mesmo a casa térrea, edificadas nos limites do terreno. Fato este determinante dos partidos arquitetônicos que “continuavam, como as casas, a ter frente e fundos, fachada e quintal” (REIS FILHO, 1987, p.80).

Contudo, uma mudança pode ser observada. Na frente se vê colocado os quartos, onde a privacidade dos aposentos esta protegida pela altura da construção. A iluminação e a ventilação natural, conquista em termos de higiene das antigas alcovas coloniais, que eram feitas pelos lanternins ou pelas clarabóias locadas na cobertura, agora podiam ser solucionadas pelas esquadrias de vidro na fachada.

As dependências de serviço, cozinha, lavanderia e aposento da empregada, estes continuavam para o “quintal”, os fundos, servindo, muitas vezes, à iluminação e ventilação do banheiro da casa. A sala, esta, apesar de voltada para frente, é iluminada e ventilada naturalmente apenas por um jardim de inverno, visto sua forma ser recortada para viabilizar a nova disposição dos dormitórios.

Disposição comumente chamada de planta “cachimbo” que solucionava o projeto de apartamentos em lotes “charutos”.

Esse jardim de inverno, única ligação da sala com o exterior pode ser visto como uma releitura das varandas laterais que serviam de acesso às casas (fig.15). Nos apartamentos, operando como o jardim de inverno inglês da habitação eclética, elas estão fechadas, talvez devido aos ventos que são tão mais fortes quanto mais alto são os edifícios e, provavelmente, para bloquear o barulho das ruas que se propaga para cima. Entretanto, elas também aparecem abertas na sua função de amenizar o calor e de ligação entre o interior e o exterior, sendo chamadas de balcão ou de varanda embutida no corpo da fachada.

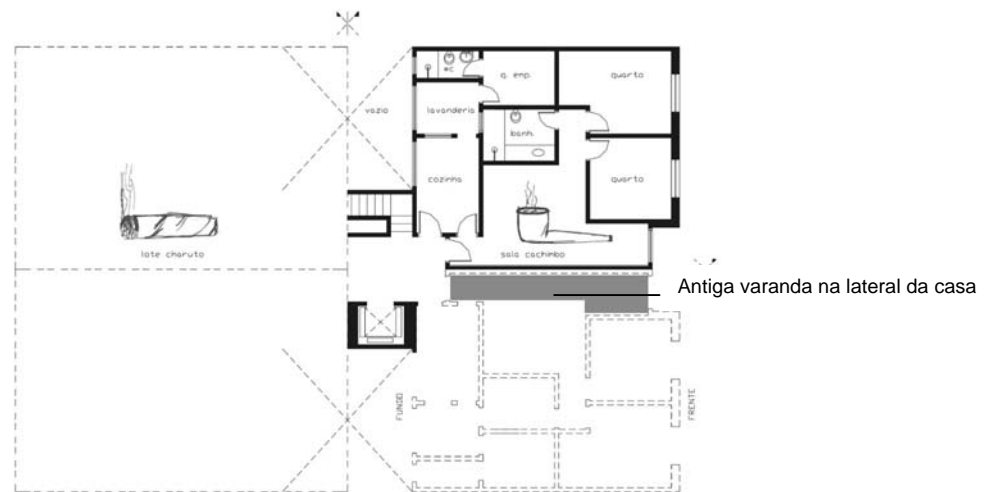


Fig. 15: esquema de edifício com quarto apartamentos por andar, implantado em quatro lotes charutos

Evidentemente, as soluções formais dos prédios de apartamento apresentam uma gama de variações, mas a quebra da hierarquia das fachadas e o tratamento homogêneo de todas as elevações, típico da arquitetura modernista, só acontecem em meados do século XX, quando o modernismo no Brasil atinge seu ápice e quando a legislação edilícia e a oferta de terrenos maiores vão favorecer uma outra implantação.

A época que antecede a explosão da arquitetura modernista brasileira é marcada por uma intensa industrialização e urbanização. O período em que a segunda grande guerra assola a Europa, na década de 40, obriga o país, dependente dos produtos importados, a se industrializar. Necessidade esta que atinge também a construção civil e que promove uma grande evolução (REIS FILHO, 1987).

Nos cinco anos em que os conflitos perduraram no velho continente, os Estados Unidos da América e o Brasil se tornaram os expoentes da arquitetura modernista. Porém, a busca de uma brasilidade é percebida pela utilização de elementos e materiais da arquitetura tradicional brasileira, aplicados dentro de uma linguagem moderna.

Esse emprego não visava à preservação do academicismo, a produção neocolonial, nem a recusa de uma expressão modernista. Pelo contrário, com objetivo de adequação climática da construção, o uso de materiais e elementos tradicionais era uma resposta funcionalista para as questões de conforto ambiental. Uma visão pragmática que não anula a preservação, na construção, das tradições sócio-culturais.

É o caso das obras de Lúcio Costa (fig.16), Eduardo Reidy (fig.17), que mesmo no final da primeira metade do século XX, quando o tema era a modernidade, continuavam apresentando as varandas.



Fig.16 ed. Nova Cintra, Parque Guinle, de autoria de Lúcio Costa, Laranjeiras, Rio de Janeiro, 1948 - 1954



Fig.17: conjunto Residencial do Pedregulho de autoria de Affonso Eduardo Reidy, São Cristóvão, Rio de Janeiro, 1946 - 1958

Varandas que aparecem abertas como as do Brasil moderno do século XIX, mas que também fazem alusão aos muxarabiês de origem moura, com o fechamento em cerâmica vazada. Fato esse que reforça a importância desse ambiente para a cultura brasileira.

A varanda até meados do século XX continua, desta forma, a ser empregada na moradia brasileira. Como as sacadas e balcões dos sobrados urbanos ou como o alpendre elevado da casa rural oitocentista, a varanda nos edifícios de apartamento deixa de ser o filtro de acesso a casa, consequência da verticalização.

Contudo, ela carrega outras funções que permanecem e se renovam. Dependendo da sua configuração formal, a varanda pode ou não atuar como adequação climática, como local de convívio, descanso e contemplação e, na maioria dos casos, espaço de transição entre o público e o privado.

Espaço esse que nos prédios residenciais da primeira metade do século XX pode ser o do balcão embutido no corpo da fachada ou o da varanda em balanço, pode ser o espaço aberto ou o fechado, mas que persiste, mostrando sua importância como elemento da tradição sócio-cultural.

CONCLUSÃO

A abordagem histórica das moradias brasileiras mostra que desde o século XVI até o século XX a varanda se faz presente. Expressão de um Brasil colônia ou de um Brasil moderno, a varanda é um ambiente importante na casa. Ela pode aparecer na frente ou nos fundos da construção, no nível de acesso ou nos pavimentos elevados, fechada ou aberta, alpendrada ou embutida no corpo da fachada, mas está ali, nos diversos tipos de habitação.

Com diferentes nomes e morfologias, ela também desempenha diferentes funções. A varanda, dependendo do seu emprego e da sua forma, é instrumento de adequação climática, posto de vigília, espaço de convívio, de descanso, de contemplação, filtro da casa, local de recepção e também de distribuição, mas em todos os casos, elemento de tradição sócio-cultural que persiste ao longo do tempo. Constata-se esta que torna a varanda não apenas um espaço, mas um lugar da casa.

Nessa, ela é sempre um ambiente de transição senão física, visual, entre o público e o privado, entre o espaço da casa e o da rua, entre um universo conhecido e doméstico e um mundo estranho e arrisco; lugar eminente do encontro com o outro.

REFERÊNCIAS

- ÁVILA, A.; GONTIJO, J. M.; MACHADO, R. G. *Barroco Mineiro Glossário de Arquitetura e Ornamentação*. Rio de Janeiro: Co-edição Fundação João Pinheiro, Fundação Roberto Marinho, Companhia Editora Nacional, 1980.
- BITTAR, W. S. M.; VERÍSSIMO, F. S. *500 Anos da Casa no Brasil – A Transformação da Arquitetura e da Utilização do Espaço de Moradia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro Publicações S.A., 1999.
- COSTA, Lucio. *Registro de uma Vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.
- DA MATTA, Roberto. *A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e Histórica ao Brasil*. Tomo I (vol.1 e 2) e tomo II (vol.3). Tradução: Sérgio Milliet. São Paulo: Livraria Martins, 1940.
- FREY, J. P.. Formes du Logement et Mots de la Maison. In: BRUN, J.; DRIANT, S. M.. *Dictionnaire de L'habitat et du Logement*. Paris: Armand Coli, 2003, p.186-191.
- FREYRE, Gilberto. Casas de residência no Brasil - Introdução e notas. In: *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Vol.7 Rio de Janeiro: MES, 1943, p.99 - 127.
- FREYRE, Gilberto. *Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil 1 - Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Vol.1 e 2, 11ª ed.. Rio de Janeiro: ed. José Olympio, 1964.
- FREYRE, Gilberto. *Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil 2 - Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Vol.1 e 2, 4ª ed.. Rio de Janeiro: ed. José Olympio, 1968.
- GUADET, J.. Éléments de la Composition dans la Habitation. In: GUADET, J.. *Éléments et Théorie de L'architecture*. Vol. II, Livre VI, Paris: Libraire de La Construction Moderne, [?].
- ITO ROVO de Souza Lima, Mirian Keiko; DUARTE, Cristiane; SANTOS, Eloisa. Importação, Assimilação e Transformação: o significado das varandas na arquitetura carioca contemporânea. *Anais do XVII Congresso Brasileiro de Arquitetos*, Rio de Janeiro, IAB, 2003.
- JORGE, Luis Antonio. *O desenho da janela*. 1ª edição. São Paulo: Annalume, 1995.
- LE MOS, Carlos A. C.. *A Casa Brasileira*. São Paulo: Contexto, 1996.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. 8ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- REQUIXA, Renato. *O lazer no Brasil*. São Paulo: ed. Brasiliense, 1977.
- RODRIGUES, José Wash. A Casa de Moradia no Brasil Antigo. In: *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Vol. 9. Rio de Janeiro: MES, 1945, p.159 – 198.
- RODRIGUES, José Wash. *Documentário arquitetônico relativo à construção civil no Brasil*. 5a.edição - Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.
- RYBCZYNSKI, W. *Casa: pequena história de uma idéia*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- SAIA, Luis. *O Alpendre nas casas brasileiras*. In: *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Vol. 3. Rio de Janeiro: MES, 1939, p. 235 – 249.
- SANTOS, Paulo F. *Quatro séculos de arquitetura na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. IAB, 1981.
- VAUTHIER, L.L. Casas de residência no Brasil. In: *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Vol.7 Rio de Janeiro: MES, 1943, p.128 - 208.